A mensagem renovadora de Raimundo Girão[1]

J. C. ALENCAR ARARIPE (*)

O Conselho Estadual de Cultura, em manifestação unânime, adotada a 12 de abril de 1973, sugeriu ao Governador propusesse à Comissão da Medalha da Abolição a outorga ao escritor Raimundo Girão da Comenda Maior. O Chefe do Executivo, acolhendo com simpatia a iniciativa daquele Conselho, formalizou a indicação. Designado relator da matéria, foi com satisfação que me pronunciei a respeito. Raimundo Girão credenciava-se à homenagem com que se pretendia distingui-lo.

Homem público, na elevada acepção do termo, ocupou cargos de relevo na administração do Estado e do Município. Prefeito de Fortaleza; Secretário de Cultura, pasta criada em decorrência de proposta sua; Secretário interino da Educação, em mais de uma oportunidade; primeiro titular da Secretaria Municipal de Urbanismo, que idealizou, igualmente, e membro do Tribunal de Contas, nesses postos, como no desempenho de inúmeras comissões, comportou-se Raimundo Girão com dinamismo, clarividência e brilhantismo, impondo-se à estima e ao respeito dos seus conterrâneos.

Também no magistério superior Raimundo Girão granjeou nomeada. Primeiramente, como Livre, Docente da Faculdade de Ciências Econômicas; depois, como Professor e Diretor da Escola de Administração do Estado.

A literatura e a história atraíram-no desde cedo e não é sem razão que pontificou com destaque na Academia Cearense de Letras, a que presidiu, e no Instituto do Ceará. Escreveu vários livros de inegável merecimento, vasta e rica é a sua bibliografia.

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

Quando se cogita de Raimundo Girão, como no centenário de nascimento agora comemorado, logo nos acode a figura do historiador. Não é que ele tenha sido só isso, como já salientado. Foi uma individualidade de talentos diversificados. Mas o historiador marcou-o mais viva e profundamente, tanto assim que a própria avenida com o seu nome assim o identifica.

Fatores circunstanciais levaram-me ao tribuno Raimundo Girão. Há o vezo de detratar o discurso, seja longo ou curto, seja bem feito ou mal alinhavado. São pessoas que não cultivam o gênero, nunca a ele se afeiçoaram, viram-lhe o nariz. É, no entanto, uma das formas mais antigas de comunicação e que sobrevive sem desfalecimento, para gáudio de uns, embaraço e constrangimento de outros.

Em orações proferidas por Raimundo Girão, na Academia Cearense de Letras e no Instituto do Ceará, há muito o que aprender. Primeiro, a franqueza com que se expressa. Não faz arrodeios, fere diretamente o assunto, pode ser de crítica ou elogio. Não é a grandiloqüência laudatória nem o azedume da malquerença, mais parece o aconselhamento do irmão experiente, que deseja a correção. Não se compraz em arroubos temperamentais. Orações magistrais estão em "Falas Acadêmicas", da ACL, e nas Revistas do Instituto do Ceará de 1955 e 1969.

"Não será mero tropo comparar a templos as academias. Aqueles e estas são tabernáculos da devoção, devem ser mansões da paz e concentrações sadias, sala de claridade reluzante para permitir as contemplações exatas, sem refolhos de iras, nem dobras de paixões menores e onde alma e gênio se aliem, e falem, e teçam laços de amor, e filigranem compreensões recíprocas, sopitados os interesses insanos e as prevenções injustas. Onde a inteligência possa ter o seu império inconcusso, a isenção o seu domínio legítimo, a bondade o seu pais de rosas, a elegância moral, o campo vasto dos gestos bem medidos. Onde as competições fecundem a amizade e nunca a desafeição, a divergência aproxime e não separe; onde a opinião alheia seja um respeito e seja um crime imperdoável a aleivosia."

São inspiradas colocações de um homem bom, intrinsecamente bom e generoso, que se comprazia com divagações que mais parecem sonhos de um argonauta tripulando nau mitológica. Quando despertava dos devaneios, ei-lo de lança em riste como um novo Dom Quixote acometendo contra moinhos que de fato existiam.

Surpreende a constância com que se posiciona como renovador. Não é o desabusado que investe contra tudo e contra todos. Mas a simples evolução não o satisfaz. A revolução é preciso, se bem que uma revolução moderada.

"A vida, o mundo, a inteligência é uma perene alteração – afirmava – e quem se opuser a esta marcha dos dias e das horas terá a mente, terá a concepção das coisas galvanizada de bolor, perdida a nitidez das linhas verdadeiras."

"Muita vez poderá o anseio renovador ultrapassar o limite justo, extremar-se em estilo de demasiado arrojo ou atrevimento, mas o que se quer é que, contidos esses exageros, os olhos vejam mais luz, os ouvidos escutem outros sinfonias, o coração prove sentimento mais apurado e a sensibilidade estética experimente outras manifestações criadoras.

"Temos que injetar vida real em nossa velha Companhia (refere-se à Academia), tirá-la do marasmo preguiçoso só aqui e ali quebrado por alguma festa de mais legítimo conteúdo. Temos que transformá-la num organismo de sangue rubro nas veias e não de seiva pobre, mal sustentando uma fisiologia por demais esclerosada."

Girão chegou ao Instituto do Ceará na presidência de Tomás Pompeu Sobrinho, de quem teve o melhor acolhimento. "A sua bondade talvez fosse tão grande como o seu saber. Inteligência de robustez impressionante, dominando várias ciências, tornou-se a nossa maior autoridade nos assuntos nordestinos. Um Mestre. Na presidência do sodalício mantinha a linhagem cultural dos antecessores Paulino Nogueira e Barão de Studart". Acentua noutra passagem: "Tomás Pompeu Sobrinho teve o dom de revitalizar o Instituto, de armá-lo com a integração de lúcidas inteligências e boas culturas no seu quadro de sócios, e o de reuni-los no dia-a-dia de uma convivência que eu diria deliciosa, como se fora – e era – o Mestre da bondade cercado de discípulos atentos das belezas de suas lições".

Pompeu Sobrinho levou para o túmulo, no dizer de Girão, muitas das perspectivas promissoras que se projetavam na existência do Instituto. Daí o seu grito de alarme. Tem sede própria e condigna, dispõe de rica biblioteca e valioso arquivo, mas – e aí se socorre de Luís Sucupira – não deve ser apenas um centro de armazenamento, impõe-se que cumpra o mister de divulgação cultural, intelectual, moral e estética. "Ou o Instituto se renova na sua estrutura e métodos ou não se livra do bolor do misoneismo que enerva".

"Temo-nos descuidado, infelizmente, dessa noção orientadora e forçoso é sobrepor à desacreditada história narrativa e expositiva a vivificante história de interpretação, substituir o trabalho de decalque ou de trivial divulgação pelo estudo dos documentos e descida às fundas estratificações, e trazer à tona o que realmente pode servir às úteis deduções da ciência de Heródoto e Tito Lívio."

A Universidade que chegava criava um pólo cultural de dominadora consistência. O que antes compunha um quadro de interesse e atrativo passaria a constituir satélite de reduzida ou nenhuma expressão caso não se compenetrasse da urgência de mudar e adaptar-se aos novos tempos. E, na esteira da Universidade, que não seria somente uma mas várias, o poder de representação do Instituto como da Academia diluía-se na multiplicidade de organismos que afloram e buscam afirmações, estimulados, às vezes, até pela disciplina profissional.

Ao final de sessão do Instituto do Ceará, em que de relance abordei a mentalidade renovadora de Raimundo Girão, jovens descendentes do Patriarca mostravam-se agradavelmente jubilosos. O que não sabiam dos livros passaram a conhecer pelos discursos acadêmicos, aflorados apenas, mas que induziam ao reconhecimento da mensagem que Raimundo Girão corporificou no serviço público e nas casas de cultura.

[1] Transcrito do Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza, ed. de 10/9/2000.